

ESTUDO TOPONÍMICO: ÂMBITOS E PERSPECTIVAS DE ANÁLISES

Kênia Mara de Freitas Siqueira¹

keniamara@hotmail.com

RESUMO: O signo toponímico difere dos demais signos linguísticos por apresentar um caráter motivado em relação ao referente nomeado e também pela particularidade específica de sua função, pois tem caráter identitário já que situa o objeto nomeado no quadro das significações, retirando-o do anonimato. Direciona-se assim, pela função onomástica: identificar nomes. Considerando que a nomeação reflete aspectos importantes dos valores sociais, políticos e culturais da memória coletiva, o objetivo deste artigo é descrever e analisar alguns designativos toponímicos de Orizona, (distritos e povoados), considerando tanto aspectos linguísticos (etimológico, morfológico e semântico), como também aspectos extralinguísticos. A metodologia consiste no levantamento e na descrição dos topônimos, observando o processo de formação e estrutura dos termos selecionados. Utiliza-se, como critério de análise, o elemento físico e o antropocultural dos nomes oficiais da cidade, dos nomes dos povoados e dos distritos. A classificação em taxionomias é feita a partir da análise e discussão dos dados coletados.

PALAVRAS-CHAVE: topônimo; taxionomia; etimologia; morfologia.

INTRODUÇÃO

É oportuno situar, nestas linhas iniciais, em que âmbito das pesquisas linguísticas se inserem os estudos toponímicos já que, numa perspectiva ampla, os topônimos podem ser enfocados sob o prisma da Onomástica, da Lexicologia e ainda sob o viés da Terminologia, pois um topônimo é também um termo de uma área específica da atividade humana, isto é, da atividade de nomeação. Além, é claro, de constituir-se de um nome (como qualquer outro) passível de ser descrito em termos morfológicos, semânticos e etimológicos.

Pautado nessa perspectiva de análise, é que se propõe, como objetivo deste artigo, apresentar os resultados preliminares do Projeto de Pesquisa “Toponímia: a dinâmica dos nomes da Região da Estrada de Ferro” (Sudeste Goiano), como meio de refletir sobre a etapa inicial já desenvolvida em caráter exploratório à guisa de pesquisa piloto.

¹ Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Unidade Universitária de Pires do Rio.

O referencial teórico constitui-se de conceitos basilares propostos, principalmente, por Dick (1990), (2007); Fonseca (1997); Carvalhinhos (2003); Vilela (1994) acerca da conversão de um nome comum em um nome próprio para designar um determinado lugar ou também sobre os elementos de natureza física e de natureza antropocultural que permeiam a motivação por trás do signo toponímico já que a sistematização dos dados em taxionomias é justificada por relações icônicas e simbólicas, pois, para Dick (1990), o topônimo representa uma projeção aproximativa do real. Para as questões de natureza etimológica, recorre-se a Sampaio (1928), principalmente acerca das lexias de origem Tupi e, a Cunha (1982), para as demais origens dos termos.

Trata-se, *a priori*, de uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa, para o levantamento dos dados, uma vez que a constituição (sub-região, limites e fronteiras) dos “lugares” está registrada em documentos públicos e levantamento histórico geográfico. A partir desse levantamento, procura-se verificar e atualizar os dados por meio de pesquisa *in loco*. Quanto ao levantamento dos aspectos socioculturais e históricos, além da consulta ao que já está documentado, realizam-se entrevistas com os moradores mais antigos dos respectivos distritos e povoados. Esses procedimentos são delimitados em cronograma específico para cada etapa do projeto e descritos nos diários de pesquisa pela coordenação do projeto e pelos alunos participantes da iniciação científica.

1. A ATIVIDADE DE NOMEAÇÃO

A atividade humana de nomeação envolve dois percursos: o fazer onomasiológico e o fazer semasiológico, ambos se circunscrevem no processo de lexemização, logo no âmbito da Lexicologia.

Para Dick (1990), a nomeação, como atividade de significação envolve a percepção biológica dos objetos do mundo transformados em substâncias estruturadas pela apreensão/compreensão refletidas na cosmovisão de cada grupo, o que leva a estabelecer, em seguida, o processo de conceptualização no qual ocorre a produção de modelos mentais, que por sua vez, correspondem aos recortes culturais (designatas) feitos pelo grupo e representados (ou apresentados) no sistema linguístico. Após esse percurso, ocorre a produção de significação, ou melhor, estabelece-se a lexemização para, enfim, haver a produção discursiva mediante a atualização das lexias. Assim, deixa-se o nível cognitivo e converte-se em signo.

Considerados dessa forma, esses percursos oferecem perspectivas para se explicitar os processos de conceituar e definir, que podem ser sumariados, conforme Andrade (2006), em: o conceito, nível pré-linguístico, corresponde à interpretação dos fatos e a definição - plano semiótico - resultado da interpretação. Esses dois processos podem, de certa forma, explicar o percurso terminológico (cuja unidade padrão é o termo), que compreende o fazer onomasiológico, e o percurso do fazer lexicográfico, processo de natureza semasiológica.

Segundo Carvalhinhos (2003), os topônimos são vocábulos que entram no discurso toponímico pelo que se pode conceituar como vicissitudes enunciativas, as necessidades básicas que ocorrem no momento da enunciação.

A partir da nomeação, segundo Dick (2007: 142), “instala-se a cadeia onomasiológica propriamente dita, em um determinado espaço, o que possibilitará o desenvolvimento de análises nominais e a consequente fixação de um modelo ou padrão de nomes [...]”. As análises nominais e elucidação dos padrões de nomes constituem o escopo deste estudo. Posto isso, é possível conceber a Terminologia como uma área da Lexicologia que se atém ao estudo das palavras especializadas da linguagem técnica, o que situa também os topônimos dentro de um campo de estudos lexicais, como termos próprios de uma atividade humana específica: a nomeação.

Evidentemente que a nomeação dos “lugares” não se processa da mesma maneira como se faz a denominação de objetos criados no universo das ciências e linguagens de especialidades. A nomeação dos acidentes geográficos e dos acidentes culturais², de maneira diferente, segue procedimentos que têm origem em fatos históricos, sociais, culturais ou ainda se finca em motivações cuja face cognitiva reflete-se em descrições metafóricas ou metonímicas para escolha do nome do lugar a ser designado. Em termos gramaticais, conforme aponta Carvalhinhos (2003: 173):

Parte-se do pressuposto de que o topônimo mudou de categoria gramatical, em dois sentidos: passou de substantivo comum a substantivo próprio e, do ponto de vista mais específico, passou de lexia virtual (antes do momento da enunciação) a lexema (como ocorre com qualquer palavra-ocorrência) e a termo quando se configura o sintagma toponímico, composto por dois termos, a saber: termo ou elemento genérico (o acidente físico ou humano a ser descrito ou denominado) e o termo ou elemento específico (o topônimo propriamente dito).

Como se vê, o processo de conversão de um nome comum em topônimo oferece elementos para se verificar como o falante atualiza o sentido dos lexemas, uma vez que, no ato de nomeação, o falante ou o grupo traçam um percurso gerativo de sentido que vai do léxico

² Termo sugerido por Dick (1990) para os nomes de lugares criados pelo homem, “lugares culturais”.

virtual do falante à palavra-ocorrência, ou seja, o topônimo percorre um caminho semelhante aos dos lexemas comuns, o que o diferencia destes é que o topônimo sobrevive ao fato que lhe deu origem. Ainda que a língua mude, a reconstrução etimológica possibilita que se recuperem os semas em estado latente, opacos. O que ocorre de fato é o esvaziamento semântico do nome comum que passa a significar o próprio fato.

Desse modo, Dick (2007: 143) propõe que:

o topônimo, uma vez instalado na região, nos moldes da gramática da língua falada, segundo esquemas morfolexicossintáticos, não mais fosse substituído [...] o designativo tem força não apenas impositiva mas identitária porque situa o objeto nomeado no quadro das significações, retirando-o do anonimato e dispensando-o até do *recurso das descrições referencializadas*³ [...]

Destarte o topônimo define-se como sendo um evento fenomenológico de múltiplas formas e sistemas que, de acordo com Dick (2007), pode ser demonstrado e apreendido mediante a elaboração de taxionomias toponímicas, é o que se apresenta neste artigo para análise dos topônimos da Região da Estrada de Ferro⁴ (Sudeste Goiano).

1.1 O SIGNO TOPONÍMICO

Em certo sentido, o signo toponímico se contrapõe ao signo linguístico pelo seu caráter “motivado”, isto é, o designativo toponímico difere dos demais signos da língua por sua função onomástica de identificar nomes caracterizados sobretudo, pela motivação. Em outras palavras, as razões, que fazem com que o falante escolha ou selecione um determinado nome, dentro de um eixo de possibilidades sêmicas, são decisivas para nomear um lugar. Constituem condição *sine qua non* para ato de designação dos lugares (*topoi*) do mundo.

A ação de designar localidades está ligada a aspectos importantes dos valores sociais, políticos, culturais da memória coletiva e estabelece um vínculo de identidade entre o termo escolhido e o lugar nomeado. Desse modo, os topônimos podem representar valores, podem revelar traços culturais da memória e da identidade de um povo mediante as particularidades cristalizadas no termo toponímico.

Segundo Dick (1990: 19), “a toponímia reflete de perto a vivência do homem enquanto membro do grupo que o acolhe, nada mais é que reconhecer o papel por ela desenvolvido no ordenamento dos fatos cognitivos”. Na verdade, o ser humano, desde o

³ Grifo do autor.

⁴ A Região de Estrada de Ferro (Sudeste Goiano) compreende 22 municípios, para citar apenas alguns: Catalão, Cumari, Leopoldo de Bulhões, Orizona, Pires do Rio, Santa Cruz, Silvânia, Urutá.

princípio de sua existência, busca construir ou encontrar lugares onde possa fixar-se e dar início a aglomerados sociais (vilas, aldeias, cidades), nomeando as localidades onde firmam suas moradias.

Nesse sentido, é possível pensar que o ato de nomear acompanha o ser humano desde sua origem na Terra. Por seu alcance atemporal e multidisciplinar, os estudos toponímicos constituem um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* das comunidades linguísticas que ocupam ou já ocuparam um determinado espaço geográfico, histórico e cultural, porque, quando um indivíduo (ou a comunidade linguística) atribui um nome a um acidente humano ou físico revelam-se aí, conforme já foi dito tendências sociais, políticas, religiosas, culturais.

Em relação à semântica, convém ressaltar as associações metafóricas e metonímicas que permeiam o processo de nomear, para Lakoff (1986), essas associações baseiam-se, principalmente, em relações espaciais, temporais e ambientais, muitas vezes tendo o corpo humano como referência (ou índice).

Segundo Fonseca (1997), há dois critérios básicos: um relacionado à origem linguística e o outro à entidade geográfica a que se denomina. Quanto à origem linguística, verifica-se a procedência da emissão linguística que se comporta como topônimo. À entidade geográfica estão vinculadas a cultura e a natureza.

A posição de Dick (1990) é que a estrutura do topônimo pode ser analisada sob aspectos intra e extralinguísticos. Da relação entre o topônimo e o acidente geográfico, por exemplo, estabelece-se uma interação íntima que compreende também dois elementos básicos, a saber: o elemento (termo) genérico e o elemento específico. O termo genérico é relativo à entidade geográfica que recebe a denominação. O termo específico, o topônimo propriamente dito, particulariza a noção espacial, identificando-a e singularizando-a entre outras tantas semelhantes. Forma-se assim, um sintagma nominal justaposto ou aglutinado conforme a natureza morfológica da língua.

De acordo com a proposta de Dick (1990), a formação (morfológica) dos topônimos se dá de três maneiras: (i) Elemento específico simples, é definido por um só formante, acompanhado ou não por sufixos (terminações tais como -lândia, -pólis, -burgo): Tomazinópolis, Orizona; (ii) Topônimo composto ou elemento específico composto, apresenta-se com mais de um elemento formador de origens diversas como em: Pires do Rio, Morro do Cruzeiro; (iii) Topônimo híbrido ou elemento específico híbrido, é formado por elementos oriundos de diversas línguas: Santa Cruz de Goiás.

Em relação às taxionomias, segue-se também a proposta de Dick (1990) e (2007), cujo modelo constitui-se de um “Sistema Toponímico Taxionômico”, organizado em 27 taxes explicativas ou categoremias toponímicas, à maneira de hiperônimos (termos redutores dos significados compreendidos nas expressões denominativas) ou de arquilexemas; são indicativos ou marcadores semântico-terminológicos.

Assim, essas taxes apresentam funções hiperonímicas que preveem a divisão dos fatos que envolvem a cosmovisão de um determinado grupo ou realidade em dois aspectos: físico e antropocultural. A taxionomia de natureza física inclui: astrotopônimos⁵, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos, meterotopônimos, morfotopônimos, zootopônimos e a taxionomia de natureza antropocultural compõe-se de: animotopônimos, antropotopônimos, axiotopônimos, coronotopônimos, cronotopônimos, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, dirrematotopônimos e hierotopônimos.

A classificação das entidades geográficas culturais abrange aglomerados humanos, ruas, praças, fazendas. A classificação das entidades geográficas naturais compreende rios, lagos, córregos, morros. Dentro das entidades geográficas existem também as subclasses, como a econímia (nomes próprios de lugares habitados) e a hidronímia (nomes de entidades hidrográficas).

Na esteira dessa proposta taxionômica, são apresentados a seguir, alguns resultados (preliminares) do Projeto de Pesquisa “Toponímia: a dinâmica dos nomes de da Região da Estrada de Ferro” (sub-região de Orizona), considerando noções da semântica lexical, da terminologia, da morfologia (formação de palavras) e da etimologia tais como: criatividade, produtividade, lexicalização e idiomatização.

Mediante a descrição e análise dos aspectos linguísticos (morfológicos, etimológicos e semânticos), culturais e históricos, presentes no termo toponímico é possível classificá-lo de acordo com sua natureza física ou antropocultural, o que se estende nas 27 taxes já mencionadas. Dick (1990) demonstra que, para o processo de categorização de um topônimo, deve-se ater à cosmovisão do grupo, ao recorte linguístico pensado como um complexo linguístico cultural.

⁵ Essas taxes reúnem topônimos mediante a inclusão nos elementos formadores do nome do lugar, por exemplo: Estrela, Praia Norte, Rancho Velho, Buritizinho, Baixada da Onça, Eregineu Teixeira, São Miguel do Passa Quatro entre outros. Confira em Dick (1990: 113-351).

2. OS TOPÔNIMOS ORIZONENSES: DISTRITOS E POVOADOS

Esta seção traz a descrição e análise dos topônimos orizonenses, considerando além dos aspectos linguísticos, breves alusões aos aspectos históricos e culturais do lugar. Os topônimos selecionados são classificados de acordo com os critérios já mencionados e agrupados em fichas taxionômicas em ordem alfabética exceto o próprio topônimo “Orizona” que precede os demais.

2.1 ORIZONA (MUNICÍPIO)

O município de Orizona localiza-se na Região da Estrada de Ferro, Sudeste Goiano, na Microrregião de Pires do Rio, também denominada Região da Estrada de Ferro Centro-Oeste. Possui uma área de 2182 Km. Distante 138 km de Goiânia (capital do Estado) e 200 km de Brasília (capital da República).

Os primeiros indícios populacionais do então distrito de Capela dos Correias, ocorreram por volta de 1830, passando em seguida à designação de Campo Formoso e, posteriormente, renomeado município de Orizona. A fundação dos primeiros aglomerados urbanos se deu com a migração de fazendeiros do Triângulo Mineiro muito antes da implantação da ferrovia entre Araguari e Anápolis, que se concretizou em 1935.

O primeiro nome do lugar, por volta de 1850, se deve ao fazendeiro Fulgêncio Correia Peres que comprou um terreno situado à margem do Ribeirão Santa Bárbara, para nele construir uma capela, logo após sua morte, José Pereira Cardoso, Joaquim Fernandes de Castro e outros encarregaram-se de construir a pequena capela dedicada a Nossa Senhora da Piedade.

A chegada de mais agricultores mineiros, entre 1840 e 1850, resultou numa pequena povoação ao redor dessa capela que, por influência da família Correia, em 1890, foi o povoado⁶ erigido a distrito com o nome de “Capela dos Correias”. O crescente aumento da população propiciou a elevação do povoado a distrito, “Campo Formoso”, quando ainda pertencia ao município de Santa Cruz de Goiás.

⁶ De acordo com Neto (1970) apud Souza (2010), povoado constitui povoações construídas por poucas casas, ou seja, uma pequena povoação. Submetido ao poder da prefeitura. A designação distrito confere-se a territórios em que se subdividem os municípios, também submetidos ao poder da prefeitura. Reporta a povoações expressivas em termos populacionais e desenvolvimento significativo que, posteriormente podem ser elevados à categoria de cidade.

Posteriormente, 1906, o distrito foi, então, emancipado e elevado à categoria de cidade, conservando a mesma denominação por sugestão do Pe. Simeão Estilita que, numa fala litúrgica, sugeriu o nome em homenagem aos membros da família Correia Peres (descendentes de espanhóis, moradores de uma das regiões da Espanha, denominada *Campos Hermosos*).

Entretanto, o nome Campo Formoso logo precisou ser renomeado, pois já havia outro município no Estado da Bahia com esta mesma designação. Assim, por volta de 1943, o município de Campo Formoso passou a denominar-se Orizona. Este nome pode ser descrito em termos etimológicos e morfológicos: com duas raízes, *óryza* ‘arroz’ de origem grega e *zona* ‘região’, do latim, isto é: zona do arroz já que, na época, o município era considerado um dos grandes produtores de arroz do Estado de Goiás.

Quanto aos distritos e aos povoados, o município de Orizona é constituído por dois distritos: Buritizinho (também conhecido como Orilúzia) e Ubatan (também designado Egerineu Teixeira) e um total de cinco povoados: Cachoeira, Corumbajuba, Firmeza, Montes Claros e Taquaral. Há ainda dois “lugares” populacionais cuja situação oficial não se encontra definida, se povoado ou distrito, são eles: Posse (região da posse) e Rio do Peixe (região do Rio do Peixe), ambos objeto de próximos estudos.

Ficha toponímica
Município: Orizona Topônimo: Orizona Etimologia: elem. comp. do grego <i>óryza</i> ‘arroz’ + zona do latim <i>zo</i> ← <i>na</i> ‘cinta, faixa, local, região’, deriv. do grego <i>zo</i> ← <i>ne</i> . Estrutura morfológica: topônimo composto do termo Oriz + elemento zona (2º elemento da composição). Taxionomia de natureza antropocultural: Sociotopônimo, relativo às atividades profissionais, aos locais de trabalho.

Quadro 1: Ficha toponímica do termo Orizona.

2.2 BURITIZINHO (DISTRITO)

De acordo com Souza (2010), o distrito de Buritizinho, também conhecido como Orilúzia, localiza-se em um ponto estratégico de ligação entre os municípios de Luziânia, Ipameri e Cristalina, através da ponte do Rochedo, no Rio Corumbá. Distante de seu município 38 km.

A instauração da maioria dos povoados deu-se a partir de uma igreja católica, denominada pelas pessoas de “Capela”; em relação ao distrito de Buritizinho (antes considerado povoado) não foi diferente.

Assim, os relatos indicam que, naquela época, a Senhorita Adelina Pereira Vieira, residente nas proximidades do lugar, sofria de uma doença para a qual não se conhecia a cura, nem remédios para o tratamento. “Desenganada”, partiu, com outras pessoas, para Minas Gerais em busca da benção da Nossa Senhora das Graças. Voltou curada. Agraciada pela benção concedida desejou doar um terreno para construção de uma capela.

Então, a Capela foi edificada e Nossa Senhora das Graças, a homenageada, tornou-se padroeira do lugar. A partir daí, iniciaram as povoações em torno da igreja. Aos poucos, intensificaram gradualmente as povoações, até o lugar ser erigido a povoado, Buritizinho e, posteriormente, elevado a distrito. A designação “Buritizinho” reporta a aspectos físicos do lugar: vegetação, pois nessa região, possui um número elevado de Buritis. Essa planta era considerada produto relevante para os moradores que habitavam o lugar, pois suas palhas auxiliavam na construção de moradia. As primeiras casas dos fundadores do povoado, Antônio Benedito de Souza e Júlio Antônio Ribeiro, foram construídas da palha desse vegetal.

Neste sentido, nota-se que o denominador ao escolher um determinado nome de um lugar, num processo seletivo, não o faz aleatoriamente, sem que este, de certa forma, não tenha para ele um significado, uma importância e que reflita aspectos peculiares do lugar: físicos, históricos, políticos, culturais. Assim, fica evidente que o lugar designado “Buritizinho” carrega, cristalizado em seu nome, aspectos físicos do lugar, considerados relevantes no ato de nomeação.

Conforme Souza (2010), o outro nome do lugar, Orilúzia, deve-se ao fato de que o distrito localiza-se entre os municípios de Orizona e Luziânia. Desse modo, o denominador fez uso de parte do nome Orizona *ori-* e parte do nome Luziânia *-luzia*⁷, na junção desses termos, somada à mudança da sílaba tônica compôs, o nome Orilúzia.

⁷ Dubois et al (1998, p. 422): “*mot-portemanteau*, palavra entrecruzada, *mot-valise*, palavra entrecruzada”.

Ficha toponímica

Município: Orizona
Topônimo: Buritizinho
Distrito: Buritizinho
Etimologia: Do Tupi * *miriti* – espécie de palmeira (*Mauritia vinifera* Mart.)
Estrutura morfológica: Topônimo derivado do termo Buriti + (z) + -inho (sufixo de grau diminutivo).
Taxionomia de natureza física: Fitotopônimo – categoria que expressa os nomes cuja origem revela uma filiação a elementos vegetais, ou seja, de índole vegetal.

Quadro 2: Ficha toponímica do termo Buritizinho.

2.3 CACHOEIRA (POVOADO)

O povoado de Cachoeira, distante 26 km de Orizona, surgiu em meados do século XIX, quando moradores das proximidades do lugar reuniram-se para discutir sobre a construção de um cemitério, pois não havia na região um lugar apropriado para que pudessem enterrar seus mortos.

Com esse objetivo, após discutirem, os moradores chegaram a um consenso e o cemitério, fechado por muros de pedras, foi construído. Assim, por vezes, muitas pessoas que para ali se dirigiam, reuniam-se e conversavam. Dessas conversas, surgiu a ideia de construir uma capela, que serviria como lugar intercessório pelas almas dos corpos sepultados.

O proprietário do terreno, situado às margens do ribeirão cachoeira, Benedito Gonçalves Pereira, apelidado de fogueteiro, por trabalhar na arte de fabricar foguetes, doou um terreno à Igreja Católica para construção da capela. Dessa forma, edificou-se a capela em louvor a São Miguel Arcanjo, que se tornou o santo padroeiro do lugar. A partir daí, iniciaram as povoações nas proximidades da capela, formando aglomerações de casas. O que deu origem ao povoado denominado Cachoeira.

Entre as tradições de Cachoeira destacam-se as festas religiosas. A mais antiga e popular é a festa em homenagem ao padroeiro do lugar (São Miguel Arcanjo). Acontece anualmente, é frequentada por pessoas de todas as faixas etárias, vindas tanto de áreas rurais como também de áreas urbanas, bem como de outras cidades. Durante a festividade, ocorrem leilões de prendas, ofertadas por patrocinadores, queima de fogos, vendas de bebidas e outras iguarias consumidas pelos integrantes da festa.

Em relação ao nome Cachoeira, pode-se dizer que o topônimo foi motivado pelo fato de existir, nas imediações do lugar, um ribeirão designado Cachoeira, cujas águas servem aos

moradores do lugar. Essas águas passam por inúmeros desníveis e formam lindas cachoeiras. Isso faz com que o lugar seja considerado um ponto turístico visitado por inúmeras pessoas, inclusive turistas advindos de outras cidades.

Ao considerar alguns aspectos do topônimo Cachoeira, nota-se que o ribeirão do qual adveio o nome do povoado, constitui, para os moradores, um aspecto da geografia física de muita relevância uma vez que suas águas são utilizadas como fonte de vida para os habitantes do lugar.

Desse modo, fica evidente que o denominador, ao eleger o nome para este lugar, observou um aspecto significativo da geografia local. Observa-se portanto, que este topônimo cristaliza um aspecto da geografia física do lugar.

Ficha toponímica
Município: Orizona Topônimo: Cachoeira Povoado: Cachoeira Etimologia: <i>sm.</i> Cachão – cachoens. Do latim <i>coctiō-ōnis</i> , “cezedura”, “fervura”, “borbulhão”, “borbotão”. Cachoeira – “queda d’água”, cacho + eira, latim: 1. ação. Estrutura morfológica: Topônimo derivado do termo cacho + sufixo derivacional –eira. Taxionomia de natureza física: Hidrotopônimo – topônimos resultantes de acidentes geográficos (água, córregos, rios, ribeirões, dentre outros formadores hidrográficos).

Quadro 3: Ficha toponímica do termo Cachoeira.

2.4 CORUMBAJUBA (POVOADO)

O povoado de Corumbajuba distancia-se de seu município 44 km. De acordo com Souza (2010), o surgimento do povoado sobreveio igualmente à maioria dos povoados e distritos, a partir da edificação de uma capela. Isso aconteceu quando o fazendeiro Virgínio Vaz, vindo da cidade de Ipameri, fixou residência na fazenda Lameirão. Semelhantemente, ao que ocorreu no povoado de Buritizinho, ou seja, Virgínio Vaz fez a doação de um terreno para construção da capela, movido pelas graças recebidas de Nossa Senhora da Guia. Como forma de agradecimento, doou o terreno à Igreja e então foi construída a capela, liderada pelo doador, em honra a Nossa Senhora da Guia.

A partir daí começaram a surgir os primeiros indícios de povoações, e o lugar constitui-se povoado, designado Corumbajuba. Aos poucos, as moradias foram se constituindo e o povoado progrediu, de modo que o comércio tornou-se ativo, com diversos estabelecimentos comerciais: armazéns, sapatarias, fábricas de vassouras de palha, entre outros.

O fazendeiro Virgínio Vaz era uma figura representativa em Corumbajuba, pois além de doador do terreno e líder da construção da capela, também contribuiu para a edificação de um cemitério no lugar.

Com o passar do tempo, o povoado de Corumbajuba entrou em declínio. Caíram-se as paredes da igreja, mas, quando o padre Gregoriano dos Santos tornou-se vigário da Paróquia Nossa Senhora da Piedade de Orizona, a igreja, em ruínas, em pouco tempo, foi reconstruída. Aos poucos, o lugar retomou o rumo do desenvolvimento.

A denominação do topônimo Corumbajuba foi sugerida pelo cônego de Orizona, José Trindade Fonseca e Silva. Essa designação reporta ao fato de que, nas imediações do lugar, existirem dois grandes rios: o Rio Corumbá e o Piracanjuba. Esses oferecem grande abundância de água e peixes aos moradores do lugar.

Novamente, pode-se dizer que no ato de nomear, valeram-se do nome rio Corumbá, mais o sufixo, *-juba* “Corumbajuba”. Neste sentido, observa-se que os componentes hidrográficos do lugar foram considerados relevantes no momento da escolha do topônimo.

Ficha toponímica
Município: Orizona Topônimo: Corumbajuba Povoado: Corumbajuba Etimologia: <i>sm.</i> Do Tupi <i>kuru'mba</i> , (oxítone) lugar pouco povoado e distante que se mantém esquecido ou desprezado; (paroxítone), sertanejo que emigra para fugir da seca, pau-de-arara, retirante + sufixo – <i>juba</i> , do Tupi <i>yuva</i> ‘amarelo’. Estrutura morfológica: Topônimo derivado do termo Corumba + o sufixo <i>-juba</i> . Taxionomia de natureza física: Hidrotopônimo – topônimos resultantes de acidentes geográficos (água, córregos, rios, ribeirões, dentre outros formadores hidrográficos).

Quadro 4: Ficha toponímica do termo Corumbajuba

2.5 FIRMEZA (POVOADO)

As primeiras evidências de aglomerado humano da região de firmeza (distante 28 km de Orizona) iniciaram quando agricultores vieram de outros estados em busca de solo fértil, recursos naturais e matas para explorar que possibilitassem meios de sobrevivência e desenvolvimento da pecuária, da agricultura, de carvoeiras, entre tantas outras atividades emergentes. Com esse objetivo, encontraram a região da Firmeza, e então iniciaram a construção das primeiras habitações. Nesse período, surgiu a criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), com o objetivo de evangelizar os moradores das proximidades.

Assim, aos poucos, foram intensificando as habitações no povoado de Firmeza. As primeiras famílias que para ali vieram foram as Pereira, Machado e Fernandes, migrantes do

Estado da Bahia. Posteriormente, vieram outras pessoas, inclusive negros, a maioria descendentes de escravos, procurando trabalho e lugar para morar nas casas dos proprietários das terras. Em troca, recebiam comida e moradia. Esses negros eram muito valorizados pelos senhores das fazendas. Nas terras do lugar, produzia-se quase de tudo para sobrevivência, apenas o sal era comprado, vindo de Catalão em carro de boi.

Aos poucos, o povoado de Firmeza progrediu, instalando, inclusive, o posto de saúde, a Unidade Escolar de Ensino Fundamental e Médio, o campo de futebol, estabelecimentos comerciais e a capela edificada em louvor a Santo Antônio, padroeiro do lugar.

O povoado de Firmeza conta com a tradicional celebração da festa em louvor a Santo Antônio, que acontece anualmente. Durante a festa, ocorrem rezas, procissões, leilões de prendas e também danças.

Firmeza é composta por seis microrregiões: Estiva de Cima, Estiva de Baixo, Firmeza de Cima, Firmeza de Baixo e Monjolo. Tal divisão surgiu com o objetivo de facilitar os trabalhos das CEBs, mediante o acesso dos cristãos a essas regiões.

A denominação do topônimo Firmeza remonta à época em que era comum o carroto em carros de bois, que constituíam basicamente o único meio de transporte.

Assim, os carros de bois percorriam os arredores e, por vezes, precisavam realizar a travessia pelos córregos. Como estes não dispunham de pontes, a travessia se dava em meio às águas. Em tais condições, inúmeros carros atolavam, dificultando a passagem. Devido a isso, propagou-se que, nas proximidades do lugar, especificamente, na fazenda de propriedade da família dos Fernandes existia um córrego, cujas terras eram firmes onde os carros de bois podiam atravessar sem atolarem. Pelas condições firmes do terreno (o córrego também era firme), o nomeador, ao escolher o topônimo, utilizou-se do termo “firme”, o radical firm-, acrescido do sufixo -eza para formar o nome do lugar, Firmeza. Desse modo, nota-se que o topônimo carrega aspectos das condições físicas do lugar.

Ficha toponímica
Município: Orizona Topônimo: Firmeza Povoado: Firmeza Etimologia: Do termo firme, <i>adj.</i> 2g. “seguro”, “fixo”, “estável”. Do latim vulgar <i>firmis</i> (<i>cláss. Firmus</i>); + sufixo latino -eza ‘quantidade ou estado’. Estrutura morfológica: Topônimo derivado do radical firm- + sufixo derivacional -eza. Taxionomia de natureza física: Geomorfotopônimo – relativo às formas topográficas (elevações – montanhas, montes, morros, colinas); depressões de terrenos (vale, baixada); formações litorâneas (costa, cabo, angra, ilha, porto).

Quadro 5: Ficha toponímica do termo Firmeza.

2.6 MONTES CLAROS (POVOADO)

O povoado de Montes Claros distancia-se de seu município 28 km e também surgiu a partir da construção de uma capela. De maneira semelhante aos demais povoados, os moradores das proximidades edificaram uma capela construída toda de pedra, dedicada a São Sebastião, no terreno foi doado por João Teodoro Rezende. A partir daí iniciou-se a construção de casas ao redor da capela, até o lugar constituir-se em um povoado. De acordo com Neto (1970) apud Souza (2010: 55), “o povoado está construído num descampado, onde o sol é mais prateado, o vento sopra com força, o lugar é colossal e o céu é mais azul”.

O desenvolvimento de Montes Claros ocorreu rapidamente, devido à construção de uma ponte sobre o rio Piracanjuba, liderada pelo então prefeito de Orizona, José da Costa Pereira (conhecido como Zequinha Costa), ponte que ligou Montes Claros a outras regiões. Posterior à construção da ponte, foram construídas também inúmeras estradas de rodagens, ligando Orizona a outras regiões. A ponte e as estradas propiciaram intensa movimentação entre os povoados e outros municípios mais próximos. Isso acelerou o desenvolvimento de Montes Claros.

Quanto à designação do topônimo Montes Claros, Neto (1970) apud Souza (2010: 56) afirma que o nome do lugar deve-se à motivação de que: “(...) da porta da igreja do padroeiro São Sebastião, são vistos com saliências deslumbrantes [...] os montes, que o povo chama de Morro do Baú, da Suçupara [...] e a ponta da Serra do Lameirão[...]”.

Neste sentido, fica evidente que a denominação do topônimo Montes Claros deve-se a aspectos da geografia física do lugar: geomorfotopônimo. Desse modo, os montes foram significativos no momento da ação de nomear.

Ficha Toponímica
Município: Orizona Topônimo: Montes Claros Povoado: Montes Claros Etimologia: Monte – <i>sm.</i> “Elevação considerável de terreno acima do solo que a rodeia”, “porção, acervo, ajuntamento”. Do latim <i>mons mōntis</i> - “amonto”. Claro – <i>adj.</i> “Luminoso, brilhante, iluminado”. Do latim <i>clarus</i> – “aclaração”. Estrutura morfológica: Topônimo composto por justaposição: montes + claros. Taxionomia de natureza física: Geomorfotopônimo – relativo às formas topográficas (elevações – montanhas, montes, morros, colinas); depressões de terrenos (vale, baixada); formações litorâneas (costa, cabo, angra, ilha, porto).

Quadro 6: Ficha toponímica do termo Montes Claros.

2.7 TAQUARAL (POVOADO)

O povoado de Taquaral situa-se entre os ribeirões Santo Inácio e Santana, distante de seu município 12 km. Compõe-se de três regiões, denominadas Taquaral de Baixo, Taquaral do Meio e Taquaral de Cima (por sua vez, cardinotopônimos). Segundo os moradores, essa divisão deve-se ao fato de que, antigamente, antes da formação do povoado, existia um fazendeiro que, proprietário do lugar, resolveu doar a extensão de terras aos três filhos. Assim, demarcou o lugar e entregou uma parte a cada filho. Depois da demarcação, cada terreno ficou conhecido pelos nomes citados. Naquele tempo, o povoado de Taquaral não se desenvolvia a contento, sendo considerado inclusive, uma das regiões de Orizona com mais alto índice de subdesenvolvimento.

No entanto, graças ao empenho dos taquareiros⁸ (natural do Taquaral) liderados pelo professor Aquiles, as melhorias para região foram chegando e tornaram-se notáveis. Aos poucos, Taquaral progrediu. O povoado de Taquaral destaca-se pela existência de sete alambiques, os quais produzem cachaça, rapadura e moça branca⁹. O que, sem dúvida, fortalece a economia do lugar.

Em relação às tradições de Taquaral, podem ser citadas as festas religiosas (em homenagem ao padroeiro do lugar) e a tradicional Festa dos Carreiros, ambas realizadas anualmente. Esta última constituiu-se numa tradição muito viva do lugar, em que inúmeros carreiros conduzem seus carros de bois num trajeto que vai de Orizona até o povoado. Além dos carreiros, inúmeras pessoas acompanham o trajeto, vindos de outras regiões.

Ainda em relação à cultura, o povoado de Taquaral mantém peculiaridades que o fazem conhecido em toda Região da Estrada de Ferro, porque alguns moradores têm o costume de vestir roupas vermelhas e consumirem bastante pão francês, talvez porque o povoado não possua padaria.

Outra questão que merece referência relaciona-se com a comunidade de fala de Taquaral, pois a variedade de fala dos taquareiros possui ritmo, entonação, elementos prosódicos únicos, o que merece uma pesquisa no âmbito sociolinguístico para elucidar questões sociais, históricas e culturais da região.

Quanto à motivação do topônimo Taquaral, não se sabe ao certo o que levou o nomeador a escolher tal nome para designar o lugar. Segundo moradores, acredita-se que a

⁸ Note que o sufixo –eiro, designativo de lugar, substitui os (prováveis) gentílicos –ense ou –ano; com conotações pejorativas, pois os “taquareiros” são conhecidos e discriminados pela variedade linguística que falam.

⁹ Tipo de rapadura.

escolha do nome possa estar vinculada ao fato de que, na região havia plantações de taquara cuja palha era utilizada na confecção de peneiras, jacás, entre outros utensílios.

Neste sentido, se considerada tal motivação, nota-se que a planta taquara, certamente, constituía elemento cultural relevante para os habitantes do lugar e que, sem dúvida, influenciou o denominador no momento da ação de nomear.

Ficha toponímica
Município: Orizona Topônimo: Taquaral Povoado: Taquaral Etimologia: Taquara – <i>sf.</i> “Planta da família das gramíneas, taboca, bambú”. Do tupi <i>ta’akuara</i> ; mais sufixo latino – al ‘plantações’. Estrutura morfológica: Topônimo derivado do termo taquara + sufixo –al. Taxionomia de natureza física: Fitotopônimo – categoria que expressa os nomes cuja origem revela uma filiação a elementos vegetais, ou seja, de índole vegetal.

Quadro 7: Ficha toponímica do termo Taquaral

2.8 UBATAN (DISTRITO)

No tempo em que Orizona ainda recebia a designação de Capela dos Correias, o aumento da população foi intenso, inclusive nas regiões próximas às matas das cabeceiras dos ribeirões Santa Bárbara e Areias. Adveio assim, a necessidade de criar um povoado nessa região. As famílias Correia Peres, Teixeira, Meireles reuniram-se e decidiram construir, no terreno doado à Igreja, uma capela em honra a Santa Luzia, que tornou-se padroeira do lugar. Esse fato deu origem ao povoado denominado de Ubatan, que dista 12 km de seu município. Mais tarde, devido ao aumento da povoação e intenso desenvolvimento, Ubatan foi elevado à categoria de distrito.

Com o desenvolvimento urbano de Ubatan, chegou ao lugar a ferrovia que impulsionou ainda mais a urbanização do lugar. Neto (2010) apud Souza (2010: 63) afirma que “nesse tempo, chegaram discutir, em comissão, a fixação da Capital do Estado de Goiás na região de Ubatan”. Com isso, o lugar tornou-se o centro escoador dos produtos orizonenses. Após a criação da ferrovia, surgiram pensões, comércios e outros estabelecimentos.

Em relação ao topônimo Ubatan, há algumas controvérsias acerca da motivação por trás do nome. Alguns acreditam que o nome, cuja origem é indígena e significa árvores baixas, deve-se ao fato de que, nas imediações, existia uma numerosa quantidade de árvores quaresmeiras. Outros acreditam que a escolha do desse nome remonta a um fato sucedido quando índios, vindos do Rio de Janeiro, após visitarem o Presidente da República, passaram

por Ubatan. Como nesse período, era a época de florada das Quaresmeiras, os índios enfeitaram-se com as flores da planta, e exclamavam: [*uba 'tã:*, *uba 'tã:*]. Desse modo, o lugar ficou conhecido como Ubatan.

Ainda no que se refere ao nome do lugar, pode-se dizer que esse distrito é também conhecido pelo antropotopônimo Egerineu Teixeira, denominação que remete ao período em que o aglomerado, realmente, progredia com a chegada da Estação Ferroviária. Naquela época, o prefeito de Orizona era jornalista Egerineu Teixeira, mas seu assassinato em praça pública por um forasteiro encerrou tragicamente seu mandato. Nesse período, as obras da Estação Ferroviária em Ubatan estavam em fase de conclusão, assim, em homenagem ao político assassinado, passaram a chamar o lugar pelo nome do prefeito. Entretanto, o distrito é mais conhecido por Ubatan. Esse signo linguístico reporta a aspectos físicos do lugar: a vegetação (quaresmeiras). Evidência que este aspecto do lugar teve uma relevância significativa no ato de nomeação.

Se considerado o nome Egerineu Teixeira, nota-se que o denominador utilizou tal antropotopônimo com objetivo de homenagear a atuação do prefeito no município em geral, bem como no distrito em particular ou talvez, pela comoção causada pela morte trágica e prematura.

Ficha toponímica
Município: Orizona Topônimo: Ubatan Distrito: Ubatan Etimologia: Do Tupi <i>ubatã</i> ‘madeira dura ~ baixa’. Estrutura morfológica: Topônimo originado do termo <i>ubatã</i> ~ Ubatan. Taxionomia de natureza física: Fitotopônimo – categoria que expressa os nomes cuja origem revela uma filiação a elementos vegetais, ou seja, de índole vegetal.

Quadro 8: Ficha toponímica do termo Ubatan.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão acerca da toponímia de Orizona teve a intenção de estudar os topônimos orizonenses, no que se refere aos nomes dos distritos e dos povoados, tendo como suporte os princípios teórico-metodológicos, propostos principalmente por Dick (1990).

Para tanto, foram propostos os seguintes objetivos: analisar e descrever o caráter etimológico, morfológico e semântico dos topônimos; investigar e verificar, mediante o estudo dos topônimos, se questões referentes à cultura e à história do lugar podem ser

elucidadas e se estão vinculadas a aspectos físicos dos lugares para proceder à classificação das taxionomias, a partir da análise e discussão dos dados coletados.

A revisão teórica pautou-se Ullmann (1964), Dick (1990), (2007), Vilela (1994), Carvalhinhos (2003), Payne (2008) entre outros. Em relação às questões de caráter etimológico recorreu-se a Sampaio (1928) e Cunha (1982).

Nesse sentido, mediante a coleta e análise dos dados, pôde-se descrever os aspectos linguísticos dos topônimos, com os quais foi possível mostrar a origem, a formação e o significado dos nomes dos distritos e povoados. Os nomes dos povoados e distritos do município de Orizona não fogem à regra que confere aos topônimos uma relação intrínseca com fatos históricos, culturais, acidentes geográficos e episódios religiosos de cada lugar.

Assim, Buritizinho, Taquaral e Ubatan têm seus nomes devido a elementos da flora do cerrado goiano: buriti, taquara e quaresmeira, esta ressignificada no nome *ubatã* ‘madeira dura, baixa’; Cachoeira e Corumbajuba por motivações “hidrográficas”, cachoeiras e rio Piracanjuba respectivamente; Firmeza e Montes Claros puderam ser analisados sob os aspectos físicos: característica do solo e da paisagem respectivamente; logo geomorfotopônimos. Em outras palavras, ao nomear os lugares, o denominador dessas aglomerações urbanas reconhece nos elementos da vegetação do cerrado, forte índice motivador. Há, evidentemente, inúmeras questões a serem estudadas, mas que, devido ao escopo deste trabalho, não foi possível exaurir na totalidade as análises.

Por outro lado, este estudo evidencia o início de uma pesquisa mais ampla que venha a descrever e analisar todo conjunto toponímico da Região da Estrada de Ferro, já que apresenta somente resultados preliminares dessa pesquisa em andamento.

Nesse sentido, este trabalho cumpriu um papel pioneiro e, extremamente, oportuno para inaugurar (e efetivar) os estudos toponímicos na Universidade Estadual de Goiás, UnU de Pires do Rio. Ainda nessa direção, convém ressaltar a relevância dos topônimos para o conhecimento da História, cultura e sociedade de um lugar o que evidencia o caráter multidisciplinar dos estudos toponímicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, Karrylleila dos Santos. *Atlas toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2006.
2. CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). *Revista da USP*, São Paulo, n. 56, p. 172-179, dez./fev. 2002-2003.
3. CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário Etimológico*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
4. DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.
5. DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. *Revista Trama*, Cascavel, v. 3, n. 5, p. 141-155, 1º sem. 2007. Disponível em < <http://e-revista.unioeste.br> >. Acesso em: 11 out. 2010.
6. DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1998.
7. FONSECA, G. Solis . *La gente pasa, los nombres quedan...* Introducción en la toponimia. Lima: G.Herrera, 1997.
8. LAKOFF, George. Classifiers as a reflection of mind. In.: CRAIG, C. (Ed.). *Noun classes and categorization*. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company, 1986.
9. PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax: a guide for Field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
10. SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.
11. SOUZA, Eni Rodrigues Pereira de. *Toponímia de Orizona: uma análise linguística dos nomes dos povoados e distritos*. 2010. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio, 2010.
12. ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
13. VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

ABSTRACT: The toponimic sign differs of the other linguistic signs for presenting a motivated character in relation to the referring nominated and also for the specific particularity of its function, because has identifier character since it situates the named object on the table of the meanings, removing it from the anonymity. So it is directed by the onomastic function: identify names. Considering that the nomination reflects important aspects of the social, political and cultural values from the collective memory, the objective of this article is to describe and to analyze some toponymics designatives of Orizona, (districts and villages) considering as linguistic aspects

(etymological, morphologic and semantic), as well extralinguistic aspects. The methodology consists in the rising and in the description of the toponyms, observing the process formation and structure of the selected terms. It is used, as analysis criterion, the physical and the anthropocultural element of the official city names, of the names of villages and of the names of districts. The classification in taxonomies is made from the analysis and discussion of the collected data.

Keywords: toponym; taxionomy; etymology; morphology.

Recebido no dia 05 de junho de 2011.

Aceito para publicação no dia 04 de agosto de 2011.